

**A Nova (velha) República: representações cômicas da redemocratização brasileira na revista *Chiclete com Banana* (1985-1990)**

Keliene Christina da Silva\*

A pesquisa em história tem passado por uma ampliação no que diz respeito às suas “artes de fazer”, tomando de empréstimo a expressão de Certeau, e outros tipos de fontes tem auxiliado de forma significativa a construção do conhecimento histórico. Desde o movimento dos Annales a produção do saber histórico diversificou-se, novas fontes, conteúdos e abordagens multifacetaram o espaço de produção da escrita da história, trazendo-nos o despontar da História Cultural, momento em que a História passa a dialogar mais intensamente com outros campos do saber, como a antropologia e a sociologia.

No âmbito dessas inovações encontramos a utilização das imagens no universo da pesquisa histórica, constituindo-se como “uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada.”(PAIVA, 2002, p. 17). Portanto, concordamos com a afirmação de Peter Burke de que “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular” (2004, p. 17). Dessa maneira, buscamos aqui analisar as imagens escolhidas como testemunhas do período abordado, como representações carregadas de significados.

Muitos estudos sobre imagens já existem no campo da história, podemos dizer que a pintura ocupa lugar de destaque, nos oferecendo reflexões desde os mais antigos aos contemporâneos; a fotografia, que ao captar o momento revela as intenções de quem o faz, foi também contemplada pelos estudiosos; e o cinema, a imagem, já conquistou seu espaço nos estudos acadêmicos. No entanto, o tipo de imagem aqui trabalhado, as histórias em quadrinhos, ainda não possui tantos olhares voltados em sua direção. Para desenvolver o presente estudo, encontramos a abertura necessária no amplo espaço que abrange o termo cultura histórica. Foi mais precisamente no artigo de Elio Chaves Flores que encontramos o ponto de apoio teórico para direcionarmos os caminhos deste estudo, tendo em vista que o referido autor entende por cultura histórica “os enraizamentos do *pensar historicamente* que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico” (2007, p. 95). Dessa maneira, amplia as possibilidades de incorporar as visões dos

\* Mestra em História pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de História da Rede Municipal de João Pessoa. Tutora à Distância no Curso de Pedagogia da UFPB Virtual. Contato: kelienechristina@gmail.com

diferentes momentos históricos produzidas não apenas por profissionais do ofício, mas por outros agentes culturais, abrindo espaço para campos do conhecimento de uma abrangência maior que aquela gestada pelo saber científico constituído na academia.

Dessa maneira, nos apoiamos nas discussões acerca da Cultura Histórica para tecermos nosso estudo, um espaço onde ocorre a:

(...) intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais.  
(FLORES, 2007, p. 95)

Apoiado nos debates em torno da cultura história, buscamos, no presente estudo, analisar as ligações entre a História e as histórias em quadrinhos, trabalhando com o conceito de representação nos moldes propostos por Roger Chartier, qual seja: “as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelo interesse dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17). Ainda citando Chartier:

(...) as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.  
(CHATIER, 1990, p. 17)

Portanto, percebendo as mesmas como representações sociais do contexto em que foram produzidas, e como portadoras de significados próprios dos grupos, ou indivíduos que as produziram, procuramos identificar quais percepções da política brasileira foram representadas a partir da produção do cartunista Angeli<sup>1</sup> na revista *Chiclete com Banana*. Através delas,

<sup>1</sup> Arnaldo Angeli Filho. Nascido em 31 de agosto de 1956, este paulistano da Zona Norte ingressou cedo no universo das charges e publicou seu primeiro trabalho na revista *Senhor*. No início da década de 1970 passou a atuar na imprensa alternativa, espaço onde desenvolveu vários personagens próprios. Em 1975 foi contratado pela *Folha de São Paulo*, na qual foi possível, por meio de suas tiras diárias o surgimento dos personagens *Rê Bordosa* e *Bob Cuspe*, os mesmos renderam-lhe grande reconhecimento. Na década de 1980 iniciou a publicação da *Chiclete com Banana*, revista da contracultura e do *underground* que deu um novo impulso aos quadrinhos nacionais, incentivando o trabalho de outros artistas como Laerte, Luiz Gê, Claudio Paiva, Glauco, entre outros. Já teve suas tiras publicadas na Alemanha, França, Itália, Argentina e Portugal, obtendo mais destaque nesse último país. Em 1983 participou da série *Redescobrimo o Brasil* da editora Brasiliense, com o álbum *República Vou Ver!*, com textos da historiadora Lilia Moritz Schwarcz. Atualmente continua trabalhando como chargista da *Folha de S Paulo* (GOIDANICH, 2011, p. 32).

percebemos a construção de uma determinada imagem sobre o processo de redemocratização do país, após vinte anos de uma ditadura militar, elaborada pelo referido desenhista, que, ao contrário de seus antecessores pasquinianos<sup>2</sup> e adeptos da crítica direta às figuras, se ateuve à análise do comportamento político. Como sujeito do seu momento histórico ele produziu visões sobre o contexto, assim, *pensou historicamente* acerca do período no qual, como intelectual e artista, produziu e divulgou sua leitura do processo político em curso no Brasil.

A revista *Chiclete com Banana*, publicada pela Circo editorial, teve seu primeiro número lançado em outubro de 1985, e foi um grande sucesso de vendas na época. Nascida na contramão do mercado editorial, tinha como referência os fanzines<sup>3</sup>, embora publicada com qualidade de edição profissional, sua estrutura não nega as origens. Em suas páginas, apresentava uma mistura de linguagens em um mesmo espaço: histórias em quadrinhos, entrevistas, fotonovelas e colunas debatendo diversos assuntos de interesse da juventude urbana, como música, comportamento, entre outros. Sua periodicidade era bimestral, embora houvesse alguns atrasos entre um número e outro. Foram publicados ao todo 24 números, sendo o último em 1990. Ainda que contasse com a colaboração de outros artistas, a maior parte era composta por trabalhos de Angeli, autor sobre o qual nos debruçamos no presente estudo, especialmente os primeiros números, o que confere um caráter mais autoral à obra.

Uma das principais características do grupo<sup>4</sup> no qual Angeli se inseria, os quadrinhos de contestação denominados *udigrudi*<sup>5</sup>, numa referência ao *underground* norte-americano, era a ironia. Assim, não é muito difícil imaginar que o autor, para tecer suas críticas, buscasse ressaltar as características negativas para suscitar o riso no leitor e, dessa maneira, levá-lo à reflexão por meio do diálogo com sua charge. Não se tratava de um humor descomprometido, mas de uma prática

---

2 Nos referimos aos membros de *O Pasquim*, uma publicação semanal brasileira editada entre 1969 e 1991, reconhecida pela oposição ao regime militar vigente no Brasil entre 1964 e 1984.

3 “O fanzine é uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocopiadoras, ou pequenas impressoras offset. Para sua edição, contamos com fãs isolados, grupos e associações ou fãs-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou uma mistura de vários. Criado no meio independente e restrito dos aficcionados, o termo fanzine ganhou força e foi incorporado à língua portuguesa, sendo utilizado com frequência em textos jornalísticos.” (MAGALHÃES, 2003, p.27)

4 Tendo em vista que usamos Chartier como um dos nossos suportes teóricos, devemos considerar que um indivíduo não fala a partir de um contexto isolado, mas de, e para, um determinado grupo.

5 Nadilson Manoel da Silva oferece a seguinte caracterização para o estilo *udigrudi*: “Inicialmente, eram revistas experimentais que sobreviviam às custas do autofinanciamento dos autores, revistas influenciadas pelas propostas identificadas com o movimento *underground* norte-americano, que estava começando a chegar ao Brasil, e outras propostas contraculturais. Suas características tendiam a seguir as propostas estéticas e culturais à margem do mercado oficial. Assim, a tradução tupiniquim chamou-se *udigrudi*” (SILVA, 2002, p. 24).

ainda carregada com alguns resquícios do engajamento contra o regime militar, tão marcante nas produções da década anterior, porém sem a outrora tão utilizada oposição entre dominadores e dominados, numa espécie de “maniqueísmo humorístico” (FLORES, 2002, p. 115), mas, agora, numa abordagem que buscava priorizar mais a análise do comportamento em lugar dos atos, estabelecendo uma nova forma de se posicionar frente ao contexto e influenciando toda uma geração de artistas.

### **Considerações sobre o processo de redemocratização no Brasil**

A historiografia brasileira costuma denominar o período posterior à ditadura militar como Nova República e em relação ao mesmo houve muitas expectativas num profundo processo de transformação da sociedade brasileira, desencadeado pela campanha por eleições diretas para presidente da República. Esse apelo partiu fundamentalmente dos grupamentos políticos mais à esquerda, articulados com a sociedade civil organizada, e desencadeou inúmeras manifestações de massas por todo o país. Artistas e intelectuais somaram-se ao ansioso clamor pela perspectiva de tempos de transformações sociais que se anunciavam. Porém, nem todos os esforços foram suficientes para vencer os interesses daqueles que realmente ditavam as regras da transição, e a Nova República instalou-se com ares de velha, abortando o processo de sucessão direta, substituído por eleições indiretas por decisão do Parlamento Brasileiro.

Podemos compreender que toda esta expectativa está ligada diretamente à campanha das *Diretas, Já!*, um movimento estreitamente vinculado à “crise do modelo de desenvolvimento econômico e do Estado a ele associado e ao ressurgimento da sociedade civil” (RODRIGUES, 2003, p. 12).

De acordo com Alberto Tosi Rodrigues (2003, p. 13), no início da década de 1980 já era possível observar, na sociedade brasileira, um novo padrão de organização, marcado por uma densidade política e atuação militante diferente daquela que ocorrera antes e durante o regime militar.

(...) além desses dois fatores estruturais há um terceiro elemento, de ordem político institucional, que ajudou a compor o cenário em meio ao qual emergiu e desenrolou-se a campanha pelo restabelecimento de eleições diretas para presidente. Era a própria estratégia desencadeada pelos articuladores políticos do regime para a transição, que visava mantê-la, tanto quanto possível, sob controle. Essa estratégia consubstanciava-se num jogo de concessões e de restrições alternadas, que envolvia normatizações referentes aos partidos,

aos processos eleitorais e, especificamente, à composição do Colégio Eleitoral que elegeria o presidente. Se as Diretas ganhassem.  
(RODRIGUES, 2003, p. 14)

Embora a revista *Chiclete com Banana* tenha surgido apenas em outubro de 1985, podemos afirmar que o cenário de fundo para seu surgimento começou a ser elaborado na campanha das *Diretas, Já!*, que mobilizou a população brasileira de janeiro a abril de 1984. A amplitude da campanha, por sua vez, pode ser analisada como resultado da política de distensão iniciada desde 1974, no governo de Ernesto Geisel. Portanto, acreditamos ser necessária uma breve caracterização deste movimento, a fim de compreender as insatisfações com a Nova República expressas no traço de Angeli.

Na grande maioria dos contextos nos quais se desenvolvem processos de mudanças, sejam elas pequenas ou grandes, há um elemento chave, um fator desencadeador de uma série de acontecimentos que assumem proporções crescentes. No caso do Brasil da década de 1980, o marco desse processo foi a emenda Dante de Oliveira. Tratava-se de um projeto de emenda constitucional protocolado em 1983 pelo deputado federal do estado do Mato Grosso, Dante de Oliveira, daí o nome pelo qual o projeto ficou conhecido, no qual propunha alterações significativas nas regras para as eleições para presidente da República. As mesmas deveriam realizar-se no ano seguinte e de forma indireta, maneira como vinham sendo realizadas as eleições desde o estabelecimento do regime militar. O projeto do deputado apresentava a proposta de que as eleições fossem realizadas por sufrágio universal. Foi a “fagulha” necessária para que tivesse início a campanha, que “incendiou” o país, em torno da retomada das eleições diretas para presidente da República. Protocolada, a emenda recebeu apoio de vários setores da sociedade civil.

É importante destacarmos que o apoio dado por diversas entidades da sociedade civil à emenda Dante de Oliveira retirou do âmbito meramente legislativo o monopólio dessa discussão política, tornando a disputa pró ou contra eleições diretas para Presidência da República um tema debatido pelos mais amplos setores da sociedade brasileira.  
(MENDONÇA, 2004, p. 15)

Oficialmente, o movimento começou com o comício realizado em 12 de janeiro de 1984, na cidade de Curitiba, evento considerado a abertura da campanha. Mas, desde o momento do protocolo da emenda até o referido comício, o movimento tomou as ruas do país e a opinião pública, mobilizada em torno deste clamor, ampliou vozes e pedidos da sociedade civil brasileira

sob um único grito de “eleições diretas”. A campanha serviu para congregar vários setores sociais<sup>6</sup>, dispostos a outras reivindicações em torno de um projeto maior, avançar na luta por um governo de caráter social-popular no Brasil.

Contando com esse amplo apoio, e abrigando sob sua sombra contingentes cada vez maiores, o movimento foi adquirindo proporções imensas, e revelou o anseio popular por mudanças sociais e políticas mais profundas. Comícios foram realizados em inúmeras cidades do país, os grandes partidos de oposição ao regime militar, PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), PDT (Partido Democrático Trabalhista), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PT (Partido dos Trabalhadores), assumiram a liderança do movimento e, muito importante também, houve a adesão de intelectuais e artistas dos mais variados segmentos, emprestando sua imagem e sua voz à campanha, entres eles estavam os atores Lúcio Mauro e Irene Ravache, e os cantores Chico Buarque, Maria Bethânia e Simone (RODRIGUES, 2003, p. 46-56). Mas a artista que pode ser considerada a própria personificação da campanha foi Fafá de Belém, além dela, Elba Ramalho também pôs sua popularidade à favor da campanha, assim como o jogador da seleção brasileira de futebol Sócrates. O grande animador dos comícios era o locutor-comentarista esportivo Osmar Santos. “Ao fim de cada comício ele entoava o hino nacional brasileiro, que a multidão cantava vibrantemente, cumprindo assim o ritual com que a oposição demonstrava seu patriotismo” (SKIDMORE, 1989, p. 468).

O ponto alto, momento de maior expectativa do processo, foi o dia 25 de abril de 1984, data de votação da emenda Dante de Oliveira. Se aproximava o instante que iria expor finalmente se os meses de intensa campanha realizada anteriormente haviam criado as condições para a obtenção dos resultados esperados. Porém, toda a expectativa foi frustrada pela rejeição da proposta por uma diferença de 22 votos apenas. Eram necessários 320 votos de um total de 479 congressistas, mas a emenda recebeu apenas 298 votos (SKIDMORE, 1989, p. 471). Essa frustração refletiu-se de imediato, via pronunciamento de jornalistas e outros grupos simpáticos ao movimento das Diretas nos meios de comunicação, e, tomando de empréstimo a expressão de Alberti Tosi Rodrigues, podemos dizer que “começava aí a apagar-se o fogo do ‘já’” (2003, p. 94).

<sup>6</sup> Entre estes grupos podemos citar a Igreja Católica, por meio da ação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as organizações de bairro agrupadas sob a sigla MAB (Movimento Amigos do Bairro), o Novo Sindicalismo, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entre outros. In: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Editora Vozes, Petrópolis, 1984. MENDONÇA. *A condensação do “imaginário popular oposicionista” num significante vazio: as “Diretas Já”*. 2004. Disponível em [http://lasa.internacional.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2004/files/DeMendoncaDaniel\\_xCD.pdf](http://lasa.internacional.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2004/files/DeMendoncaDaniel_xCD.pdf) Acesso em: 06 de setembro de 2010.

Na sequência da derrota da proposta, teve início o arrefecimento do Movimento, pois, rejeitada a emenda perdeu-se o rumo propulsor da campanha, retirando da mesma, aos poucos, sua expressividade, levando-a à minguar até dividir-se entre aqueles que ainda desejavam seguir com a reivindicação e os que optaram por negociar com o governo para, entre os espólios da guerra, reservar para si seu próprio quinhão. Entre estes do segundo grupo encontrava-se Tancredo Neves. Seu nome como candidato para eleição, via Colégio Eleitoral, foi de certa forma bem visto pelos militares, pois, entre as vozes atuantes na oposição ao regime, a de Tancredo se apresentava como a mais amena, menos radical. De acordo com Rachel Meneguello, o processo que levou à abertura e eleição de Tancredo Neves “deu-se sob as bases institucionais e políticas do regime autoritário” (1998, p. 80), ou seja, a transição não fugiu ao controle dos militares. A autora ainda afirma que a maioria dos partidos, com exceção do PT, apoiou a ideia de um projeto de redemocratização encabeçado pelo PMDB (MENEGUELLO, 1998, p. 81).

De acordo com as proposições de Meneguello, podemos compreender que o elemento unificador para o surgimento da Aliança Democrática, coligação entre PMDB e PFL (Partido da Frente Liberal), deveu-se à cisão interna ocorrida no PDS. Essa divisão decorreu da escolha de Paulo Maluf para candidato a presidente, quando os descontentes saíram do PDS e constituíram o PFL somando forças com o PMDB e dando origem à Frente Liberal, “agrupamento político majoritariamente identificado com o regime anterior, mas de apoio à transição moderada” (MENEGUELLO, 1998, p.81). A referida coalizão lançou a chapa composta por Tancredo Neves (PMDB) para o cargo de Presidente da República e José Sarney (PFL) para o cargo de vice-presidente.

Recebendo apoio do Colégio Eleitoral, que acreditava ser Tancredo Neves a melhor opção para uma transição moderada, o referido candidato venceu o pleito contra Paulo Maluf, candidato do governo, e estava formada a base sobre a qual seria realizada a passagem para um governo civil. Entretanto, numa virada do destino, a situação tomou contornos inesperados, pois, antes mesmo de tomar posse, Tancredo Neves foi internado de emergência em decorrência de problemas de saúde e submetido a cirurgia digestiva. Após intenso tratamento foi acometido por uma infecção generalizada que o levou à morte. Em decorrência do fato, José Sarney, vice em sua chapa, assumiu o cargo de presidente da República. Tendo em vista a origem política do referido candidato, primeiro a UDN (União Democrática Nacional), depois a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), ambos partidos conservadores, e, em seguida, o PDS (criado para abrigar os políticos da ex-

ARENA), no momento da instituição da Nova Lei Orgânica dos Partidos, retirando-se dele em 1985 para criar o PFL, podemos compreender que o poder político acabou por garantir a continuidade do esquema político que deu sustentação ao regime militar, agora sob a batuta direta de seus aliados civis (MENEGUELLO, 1998, p. 81-88).

Podemos perceber que toda a euforia, e a conseqüente frustração decorrente dos rumos tomados pelos acontecimentos em questão, reflete-se em alguns momentos da produção de Angeli quando o mesmo se refere à Nova República.

### A Nova (velha) República através do traço de Angeli

No nosso processo de análise dos trabalhos de Angeli à frente da revista *Chiclete com Banana*, compartilhamos com Flores (2002, p. 119) a ideia de que para os intelectuais do humor os resquícios da ditadura não desapareceram porque, em sua concepção, a “Nova República” ainda não havia se efetivado. Portanto, a partir desta perspectiva e da análise de trechos da publicação que fazem referência à conjuntura brasileira dos anos 1980, podemos verificar essa constante crítica ao “entulho autoritário” deixado pelo recém-acabado regime militar.

Podemos identificar essa crítica aos vestígios do antigo regime, ainda presentes no novo, em uma série de “previsões” feitas por Angeli na história desenvolvida em página dupla sob o título “Dez previsões para 86”. Entre os mais variados assuntos como música, comportamento, televisão, entre outros, nosso autor ironiza as situações por ele observadas, e entre as dez demos destaque aqui a uma em especial:



FIG. 1. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 2. Circo Editorial. Dezembro de 1985, p. 27.

A imagem, é justamente a última previsão, trata-se de uma narrativa visual em um quadro composto, pois o mesmo é dividido em dois, para expressar uma ideia de movimento da cena e assim tornar possível a transmissão da mensagem. Na primeira parte do quadro podemos observar um homem com vestimentas que normalmente nos recorda um político, a categoria a qual pertence é reforçada pelo seu discurso “Na frente sou liberal!”, e pela frase explicativa, a tal previsão, abaixo do desenho “Na política, sentiremos o sabor da mistura de alhos com bugalhos.” No segundo quadro observamos o mesmo homem, agora de costas, no balão está escrito a continuação da sentença iniciada no quadro anterior “...já nas costas...”, e nas mãos dele um cassetete, oculto aos que o observam pela frente. A ironia presente no quadro está justamente na oposição entre a palavra liberal, adquirindo no caso um duplo sentido, tanto daquele que tem opiniões flexíveis como numa referência ao PFL, criado por Sarney, e que entra em oposição ao quadro seguinte revelando os resquícios da origem autoritária deste agora auto anunciado liberal, representado por um dos símbolos da violência do Regime Militar, o cassetete, usado tanto na repressão aos movimentos públicos contra a Ditadura como nos espancamentos e em sessões de tortura sofridas pelos opositores do regime, principalmente no período conhecido como “os anos de chumbo” (Governo Médici – 1969/1974).

A Frente Liberal aparece também no primeiro número da revista na série cômica de imagens intitulada “New Look”. Nela, Angeli apresenta vários exemplos de penteados: igreja, rock carioca, PDS, Nova República, dívida externa, INAMPS, Frente Liberal, rock paulista, terror nuclear, dona Solange. Todos acompanhados de textos explicativos que auxiliam a comicidade das imagens, pois o autor joga com jargões da moda para desenvolver suas críticas aos elementos escolhidos para a composição da série de imagens. Analisemos o modelo Frente Liberal:



FIG. 2. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 1. Circo Editorial. Outubro de 1985, p. 4.

Observamos um personagem com um corte de cabelo que, observado pela frente, parece ter um aspecto moderno, vinculado a ideias liberais, próximo dos cortes de cabelo da juventude urbana da época, porém, visto por trás o corte não tem nada de inovador, ou mesmo de liberal, pois se mostra bastante ligado à tradição, especialmente parecido com cortes de cabelo típicos dos militares. Assim como a imagem explorada anteriormente, esta também faz referência à aliança entre PMDB e PFL para conseguir eleger a dobradinha Tancredo/Sarney, pois o projeto de retorno do poder às mãos dos civis por via indireta foi produto da conciliação com os conservadores, uma transição pactuada que visava ainda manter os laços com a perspectiva militar de manutenção do controle social, haja vista que o próprio Sarney era membro da antiga ARENA, continuou no mesmo partido quando este se transformou em PDS, afastando-se dele para fundar o PFL devido a divergências dentro do PDS que levaram à indicação de Maluf como candidato a Presidente da República, porém, mesmo em outro partido, Sarney carregou consigo o apoio que tinha junto aos militares, conseguindo êxito na investida ao lado de Tancredo Neves.

Percebemos nova referência a esse entulho autoritário, herdado do regime militar, numa sequência de charges distribuídas em duas páginas do número 3 da publicação. As imagens são sugestões de fantasias para carnaval, cujo texto de abertura é o seguinte: “Se o leitor acha besteira falar em fantasia, agora que o carnaval já passou ou está marcando, meu chapa, pode cair na folia porque neste paiseco é carnaval o ano todo, haja saúde!”. Das onze imagens escolhemos três que oferecem elementos para exemplificar nossa observação sobre a evidência dos resquícios do regime militar na Nova República, ressaltados pelo nosso artista. Observemos a primeira:



FIG. 3. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 3. Circo Editorial. Fevereiro de 1986, p. 12.

Mais uma vez o alvo escolhido para ser representado é um político, curiosamente sem a mão esquerda, e na direita, a única restante, segura todas as pastas representando os ministérios. A sentença abaixo da imagem explicita melhor a situação e dá suporte à comicidade que ela tenciona suscitar, pois acima podemos ler a denominação NOVO MINISTÉRIO, e, logo abaixo dela, temos a seguinte descrição: “Fantasia simplérrima. Corte sua mão esquerda – não me pergunte como – e deixe todas as pastas pra direita segurar. Sucesso garantido”. Assim como a Nova República, o Novo Ministério, dela decorrente, trouxe agregado a si valores herdados do regime militar. Entre estes, a aversão à esquerda – nitidamente visível na mutilação do personagem - e o acúmulo das pastas nas mãos, literal e figurativamente, da direita. Pois, como um acordo feito ainda no período de transição, a distribuição das pastas após as eleições seguiu o quadro de articulações formado no momento da sucessão presidencial, dessa maneira, a maioria dos ministérios foi distribuída entre membros do PMDB e PFL (MENEGUELLO, 1998, p.89-93)<sup>7</sup>.

A segunda imagem cômica da sequência escolhida apresenta uma representação da Aliança Democrática. Como já foi explicado anteriormente, trata-se da coligação política entre PMDB e PFL para disputar o cargo para presidente da República através da eleição via colégio eleitoral, tendo como resultado a eleição de Tancredo e a posterior posse de Sarney. A imagem apresenta dois homens unidos, como se fossem gêmeos siameses, idênticos nas feições e nas vestes, divergem

<sup>7</sup> Embora o Ministério no governo de Sarney tenha sido uma combinação entre líderes do PMDB e do PFL, dando uma continuação ao pacto partidário de transição estabelecido pela Aliança Democrática, o segundo foi contemplado apenas com quatro pastas, entre os ocupantes os mais conhecidos eram: Marco Maciel (Educação), Olavo Setúbal (Relações Exteriores) e Aureliano Chaves (Minas e Energia). Os membros do PMDB ocuparam as pastas restantes, entre os nomes mais importantes temos: Fernando Lira (Justiça), José Aparecido (Cultura), Pedro Simon (Agricultura), Waldir Pires (Previdência Social) e Almir Pazzianotto (Trabalho) (SKIDMORE, 1989. p. 497).

apenas na direção para onde apontam, pois cada um aponta em oposição ao outro, situação reforçada pelo conteúdo dos balões de cada um deles. Em um lemos “Vamos pra a esquerda!”, e no outro “Não! Vamos pra direita!”. Podemos entender esta imagem como uma crítica à composição um tanto quanto inusitada da Aliança Democrática, pois agregava um partido nascido como oposição, mas, nesse caso, um setor que já dialogava com os detentores do poder para obter alguns benefícios durante a transição, e um partido recém-criado com a pretensão de livrar-se da ligação explícita com o autoritarismo militar, que, entretanto, ainda carregava consigo os valores e perspectiva ideológica do mesmo. Além disso, como cada um exerce pressão para o lado oposto ao do outro, a imobilidade caracteriza o quadro, indicando o impasse.



FIG. 4. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 3. Circo Editorial. Fevereiro de 1986, p. 13.

A última imagem cômica selecionada para este tema também faz parte da série “As fantasias para 86”. É a última sugestão de fantasia proposta pelo cartunista, e diz respeito exatamente à própria Nova República. Ela é representada por um homem com as vestimentas comumente usadas pelos políticos (paletó, óculos, pastas sob braços). O texto explicativo abaixo da imagem já expressa muito bem sua mensagem: “Nada mais moderno que coisas antigas. Vasculhe uma loja de roupas usadas, componha sua fantasia e saia dançando logo que a orquestra atacar 'muda Brasil!'.”



FIG. 5. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 3. Circo Editorial. Fevereiro de 1986, p. 13.

A comicidade da imagem é reforçada pelo detalhamento dos itens, destacados por setas que explicam a composição do “visual”. Em sentido horário temos: 1) cabelos do tempo da brilhantina; 2) gravata dos anos Costa e Silva; 3) paletó do período Médici; 4) nomes no bolso do colete dos tempos de Geisel; 4) caneta dos anos Vargas; 5) abotoaduras dos anos Castelo; 6) pasta do tempo da onça; 7) ouvidos do tempo do bolerão. Como explicado pelo texto citado anteriormente, nada de novo, apenas peças antigas guardadas no armário que bem arrumadas neste outro conjunto parecem novas e podem ser muito bem apresentadas como uma proposta moderna e inovadora. Chamamos a atenção em especial para um item que não diz respeito ao período militar, mas a outro presidente que também estabeleceu uma ditadura no país: a caneta de Vargas. Provavelmente nesta passagem, Angeli fez uma referência ao episódio envolvendo o cartunista Henfil, grande mente pensante do *Pasquim* e feroz combatente da ditadura militar. Ao perceber os rumos tomados pelo arranjo eleitoral que levou a articulação Tancredo/Sarney à vitória, indignado, escreveu uma crônica censurada pela *Isto É*, e posteriormente publicada em um livro seu, editado pela *Record*, na qual elaborava um comentário sobre a herança varguista sobre a qual foi assentada a candidatura de Tancredo, e finaliza afirmando que o mesmo não deveria ter herdado a caneta de Vargas, mas o seu revólver (FLORES, 2002, p. 134-135).

Encontramos uma outra referência à Nova República, apresentada pelo cartunista como uma doença. O quadro faz parte de uma série maior formado por sete imagens, e que recebe o risível título “Aaaaaaaatchiim!!! As gripes que atingem o homem moderno”. Entre os “vírus” que assolavam a sociedade da época o autor cita: Menudo (o grupo musical porto-riquenho que fez muito sucesso na década de 1980), escândalo financeiro, Agnaldo Timóteo, Jânio Quadros, Papa João Paulo, Nova República e Ronald Reagan. Observemos, como proposto, o quadro que se refere à Nova República.



Fig. 6. Fonte: *Chiclete com Banana* n. 1. Circo Editorial. Outubro de 1985, p. 17.

No quadro observamos cinco homens envoltos em cobertores, com bolsas de água morna sobre suas cabeças e os pés imersos em uma bacia, tratamento aplicado a pessoas enfermas. As linhas na imagem indicam que estão trêmulos e as gotas de suor, possivelmente, indicam um estado febril, um dos sintomas da gripe. Abaixo da imagem o autor faz a seguinte descrição:

São várias espécies de vírus produzindo em conjunto uma gripe só. Ela vai pegando bem devagarinho devagarinho... quase parando. Causa enjôos para alguns e dores de cabeça para outros.

(*Chiclete com Banana* n. 1. Circo Editorial. Outubro de 1985, p. 17)

Essa caracterização da Nova República como doença produzida pelo cartunista reforça-nos a ideia do total descontentamento do mesmo com a situação daquele período, sentimento apresentado em todas as referências feitas à política na revista *Chiclete com Banana*. Ao afirmar que a “gripe” é formada por vários tipos de vírus, Angeli se refere ao mosaico de partidos na composição da mesma, porém, devemos lembrar, assim como já exploramos na figura 3, que a esquerda ficou de fora desse cenário, logo, temos aqui uma genuína gripe de direita! As expressões “devagarinho” e “quase parando”, podem ser compreendidas como uma crítica à falta de mudanças significativas em relação ao contexto anterior ao representado, pois, o que se esperava era uma grande transformação após a transição, mas o que se constatou afinal foi apenas os “enjôos para alguns” e as “dores de cabeça” para outros mencionados por Angeli, sintomas que teimavam em incomodar a população brasileira.

Podemos perceber, a partir da análise das representações cômicas selecionadas, que a imagem construída por Angeli sobre a Nova República está carregada de pessimismo em relação à

política como um todo e também de um grande desencanto expresso pela expectativa gerada no processo de redemocratização, e que resultou em uma transição na qual as esperadas transformações que um processo de ruptura radical poderia engendrar, foram substituídas pelo conservadorismo das soluções pelo alto, dos acordos excluindo os “de baixo”, típicas das transições políticas brasileiras.

Uma abertura nada democrática, a configuração de um governo que deveria atender aos anseios da população, mas que na realidade se apresentou como uma versão “retocada” do anterior, como bem expressou Angeli, velhas roupas compondo uma nova fantasia; uma esquerda “amputada”, um membro que o próprio corpo passa a rejeitar, salvo em caso de adequação às novas/velhas regras do organismo. Essa é a República dos Bananas representada por Angeli, um país onde o risível e o irônico são parceiros inseparáveis, na tentativa de “beliscar” e, dessa maneira, fazer pensar sobre a própria condição de sujeito de tal situação.

## Fontes utilizadas

### Gibiteca Henfil – Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFPB

*Chiclete com Banana* n.1. Circo Editorial. Outubro de 1985.

*Chiclete com Banana* n.2. Circo Editorial. Dezembro de 1985.

*Chiclete com Banana* n.3. Circo Editorial. Fevereiro de 1986.

## Bibliografia

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*; tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

FLORES, Elio Chaves. *República às avessas: narradores do cômico, cultura política e coisa pública no Brasil contemporâneo*. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, Niterói, 2002.

\_\_\_\_\_. Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. In: *Saeculum*. Revista de História, ano 13 n. 16, João Pessoa, Departamento de História/Programa de Pós-Graduação em História/UFPB, jan./jun. 2007. (p. 83-102)

GOIDANISH, Hiron Cardoso. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2005.

MAINWARING, Scott. MENEGUELLO, Rachel. POWER, Timoty. *Partidos conservadores no Brasil contemporâneo*. Quais são, o que defendem, quais são suas bases. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

MENDONÇA, Daniel de. *A condensação do “imaginário popular oposicionista” num significante vazio: as “Diretas Já”*. Artigo preparado para o Encontro da Associação Latino-americana, em 2004. Disponível em [http://lasa.internacional.pitt.edu/members/congress-papers/lasa-2004/files/DeMendoncaDaniel\\_xCD.pdf](http://lasa.internacional.pitt.edu/members/congress-papers/lasa-2004/files/DeMendoncaDaniel_xCD.pdf) Acesso em: 06 de setembro de 2010.

MENEGUELLO, Rachel. *Partidos e governos no Brasil contemporâneo (1985-1997)*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já! O grito preso na garganta*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: DELGADO, Lucila de Almeida Neves, FERREIRA, Jorge(orgs). *O Brasil Republicano*. Vol.4. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fina do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (pp. 243-282)

SILVA, Nadilson Manoel da. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo: Annablume, 2002.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1989.